

Árvore Velha

Newton Reginato

Procurador de Justiça (aposentado) do MPSP

A chuva veio forte e com ela os granizos. Um pedrisco caiu na cabeça de um dos meus cães – um pastor alemão de nome “Fiel”. Ele estranhou e se deitou aos meus pés. Ouço música suave. Acendo o cachimbo, olho pela janela, e vislumbro a chuva que agora vai caindo ao longe, seguindo o seu destino levada pelo vento, anunciando com voz trovejante a sua chegada noutro lugar.

Penso em mim e olho para o que me circunda; penso no dia a dia, penso no porvir quando nele não deveria pensar, porque o futuro é sonho ou pesadelo que pode ou não se realizar.

Olho ao meu redor e admiro o meu mundo, um mundo tão pequeno e, ao mesmo tempo, tão grande, procurando não me importar. Imagino um pouco de tudo – tudo o que fiz e o que não fiz – e pensando não desejo pensar em nada, ... mas penso; penso nos sonhos que não sonhei, nos livros que não li, nas páginas que não escrevi, nos passos que não dei, enfim ... apenas penso.

Lembro-me como fui antes de iniciada a erosão dos anos e ouço as vozes de alguns jovens vendo-me neles em tempos idos. Recordo-me do bolo de fubá com goiabada, do café com leite pingado amornado, que a minha mãe preparava, ... eu usava calças curtas. Rememoro os brinquedos que tive, uns de madeira, outros de plástico, alguns de lata, e olho para um deles descansando numa beirada de estante, única relíquia que sobrou da minha infância. Olho, também, para um pequeno urso de resina, que ganhei de uma amiga querida que já partiu, e músicas antigas ouço que me fazem lembrar filmes que um dia assisti. Por fim, olho-me. Olho para as minhas calças de brim surradas, para as minhas botas já muito usadas, e sorrio para uma bengala – fiel escudeira – que dormita perto de mim. Olho, apenas olho e sorrio.

Entardece. Ponho-me a ouvir os “noturnos” de Chopin buscando sentir o meu corpo, a minha mente e o meu espírito, trindade essencial que, muitas vezes, se mostra cansada, fatigada, pelo experienciar das décadas, e observo árvores lá

fora povoando o horizonte, agora envoltas em neblina e sombra, cortinas que velam as faces do passado e do futuro deixando entrever, apenas, o presente.

Perguntas, perguntas, e mais perguntas.

Como se sentem as árvores? – pergunto, olhando fixo para elas. Como se sente uma árvore que envelheceu e continua a envelhecer, após ter contemplado muitos sóis e muitas luas, enfrentado as refregas das intempéries? – indago igual uma criança que, nada sabendo, deseja tudo saber. Apenas uma árvore entre outras árvores – respondo friamente –, ... somente um ser vivo que irá morrer entre seres vivos que continuarão a viver – concluo querendo encerrar tão infantil monólogo íntimo. Mas, como se lendo os meus pensamentos ele tivesse, após invadir minha mente sem pedir licença, o vento, que lá fora soprava, veio até mim, envolveu-me, e isso não permitiu, pois, com sua voz murmurante e suas mãos invisíveis, ele, lá adiante, abriu um cortinado na mata em agitação, mostrando-me uma árvore, entre muitas, como que querendo demonstrar o desacerto das minhas conclusões forçando-me a novas reflexões.

Era uma árvore velha. Sim, mostrou-me uma árvore envelhecida, escondida entre muitas ainda robustas, jovens e frondosas, que deixou de ser contemplada porque as novas são atrativas e vigorosas com suas folhas verdes viçosas, enquanto que nela, uma árvore velha, somente folhas amareladas, amarronzadas e ressecadas existem e caem silenciosas, umas após outras, deixando levar para longe histórias escritas em ilegíveis pergaminhos vegetais corroídos que a ninguém importa conhecer.

Estranha apresentação impositiva de indagações.

Quantas alegrias e tristezas, quantos sucessos e insucessos, quantas vitórias e derrotas, quantos risos e amargores, quantas lágrimas vertidas e enxugadas, quantas quedas e soerguimentos vivenciou sob os caprichos da brisa, do vento e da tempestade, ao raiar da aurora, ao cair da noite, durante as madrugadas, que nas suas folhas ela registrou? – perguntei na quietude de mim mesmo. Quantos dos seus frutos foram aproveitados ou abandonados, colhidos ou deixados caídos, desprezados e esquecidos, até apodrecer? – indaguei em busca de respostas francas, reais, sinceras. E mesmo assim – prossegui admirado – ela, aquela árvore velha, resistindo a sua própria fraqueza, busca, ainda, renovar o

pouco de vida que resta em si, continua de pé, até ser abatida, um dia, de um só golpe, quando findar o seu tempo – implacável verdugo – como heroína solitária, vitoriosa, sofrida, calada e caída no chão do esquecimento, por onde passaram e pisaram todos aqueles que não a viram, sentiram, sequer notaram; uma árvore antiga, já quase extinta, cuja última semente de sabedoria, sua única herança, depositará em terra para que uma nova germine forte, vigorosa e frondosa como ela , ela própria, um dia, também o foi.

Anoiteceu, e o vento mensageiro, meu frio visitante, partiu em direção ao incerto, fechando, antes, o cortinado da mata como se encerrada estivesse mais uma peça encenada no palco da existência.

Saio e contemplo a noite – senhora de todos os mistérios – deixando-me envolver pela suavidade do seu manto onde reina o *silêncio*, seu filho dileto, a quem caberá, agora, reabrir as cortinas do grande teatro da vida, em cujo palco, tanto o *choro* como o *riso*, continuarão, como sempre, a interpretar os seus papéis.

São dezenove horas, ... Fiel me segue.
